

Construção e Divulgação Científica via Podcast: Aproximações entre Conceitos de Avaliação e os Princípios Freireanos

Rafael Martins Mendes*, Fernanda Barros Ataídes* & Clarice Carolina Ortiz de Camargo*

* Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Detalhes Editoriais

Sistema double-blind review

Histórico do Artigo

Submetido: 26 de jun. de 2023

Revisado: 22 de out. de 2023

Aceito: 04 de dez. de 2023

Disponível online: 28 de dez. de 2023

Artigo ID: #323

Editor Gerente:

Prof. Gustavo Henrique Silva de Souza
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

Editor Adjunto:

Prof. Nilton Cesar Lima
Universidade Federal de Uberlândia, UFU

Organizadores - Dossiê Paulo Freire:

Prof. Admilson Eustáquio Prates
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

Prof. Leonardo Augusto Couto Finelli
Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES

Prof. Bergston Luan Santos
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

Revisão e Diagramação:

Suzane Fátima Ribeiro Santos
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

Como citar:

MENDES, R. M.; ATAÍDES, F. B.; CAMARGO, C. C. O. de. Construção e divulgação científica via podcast: aproximações entre conceitos de avaliação e os princípios freireanos. *Revista Multifaces*, v. 5, n. 2, Dossiê Temático Paulo Freire, p. 8-16, 2023.

DOI:

<https://doi.org/10.29327/2169333.5.2-2>

*Autor de contato:

Rafael Martins Mendes
rafaelsamm@yahoo.com.br

Resumo

O presente relato tem como proposta a criação e a divulgação científica de um *podcast* — GepaeCast — a partir de aproximações realizadas entre os conceitos de avaliação e os princípios freireanos apresentados em 4 de suas obras. Realizamos um trabalho coletivo de abordagem participativa e extensionista, que perpassou a leitura das obras, destaques de trechos/contos, levantamento de categorias avaliativas e freireanas, construção de roteiro e a escolha do conto do Gato Multicor, da obra *Pedagogia da Esperança*. Estruturamos nossas reflexões em três momentos; no Conto no Ponto apresentamos a história da obra selecionada; em sequência dialogamos com as pessoas participantes abordando princípios freireanos como a educação libertadora e a opressora, consciência de mundo, práxis e aproximações com a avaliação (ideologia, mito da neutralidade, avaliação formativa) que denominamos de PalavraAção. E, por fim, apresentamos sugestões de filmes, de livros e de atividades culturais com o nome de CulturaAção. A partir da criação deste *podcast*, compreendemos a importância do trabalho coletivo como um processo formativo; além de considerarmos a relevância da criação desta mídia digital como forma de promover a divulgação científica ultrapassando as fronteiras da universidade ao envolver a leitura da obra freireana e o seu diálogo com a avaliação.

Palavras-chave: Avaliação. Paulo Freire. Divulgação Científica. Podcast.

Construction and Scientific Dissemination with Podcast: Approximations between Evaluation Concepts and Freirean Principles

Abstract

This report presents a proposal of creating a podcast – GepaeCast – based on approximations made between the concepts of evaluation and Freire's principles presented in four of its works. We carried out a collective work that included reading the works, highlighting excerpts/short stories, surveying evaluative and Freirean categories, building a script and choosing the story of Multicolored Cat, from the work *Pedagogy of hope*. We structured our reflections in three moments, and in Conto no Ponto we present the story of the selected work; in sequence, we dialogued with the participants, addressing Freirean principles such as liberating and oppressive education, world awareness, praxis and approaches to evaluation (ideology, myth of neutrality, formative evaluation) that we call *PalavraAção*. And finally, we present tips on films, books and cultural activities with the name of *CulturaAção*. From the creation of this podcast, we could understand the importance of collective work as a formative process; in addition to considering the relevance of creating this digital media as a way of promoting scientific dissemination involving Freire's works and their dialogue with evaluation.

Keywords: Assessment. Paulo Freire. Scientific Divuligation. Podcast.

Introdução

O presente relato de experiência apresenta a criação e divulgação de um episódio de *podcast*, denominado “GepaeCast”, cuja temática abordou a avaliação em Paulo Freire. O trabalho foi realizado no segundo semestre de 2021, em decorrência de parte das atividades que celebraram o Centenário de Paulo Freire em Uberlândia/MG.

Tal proposta foi idealizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (Gepae/Faced/UFU) após convite feito pelo Círculos de Estudos e Pesquisas Freireanos¹, CEPF, também vinculado à Faced/UFU que organizou diversas atividades em prol do Centenário Paulo Freire.

O Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos da Universidade Federal de Uberlândia (CEPF-UFU) inaugura suas atividades em 19 de setembro de 2020, no dia do aniversário de Paulo Freire e um ano antes das comemorações de seu Centenário. O CEPF surge da disciplina Princípios Éticos Freireanos, que teve a primeira turma em 2017 e que exigiu de nós, professores e professoras, uma nova forma de continuar aprendendo com Freire (Coimbra, 2021, p. 146).

Mediante o aceite do grupo Gepae, promovemos uma consulta entre os/as seus/suas membros/as, para uma adesão voluntária à participação nesta empreitada. A parceria foi estabelecida por meio de um subgrupo do Gepae denominado Gepae Freireano, composto por um total de onze docentes² da Educação Infantil, Educação Básica, Ensino Superior das redes públicas municipal e federal de Uberlândia-MG, de Rio Verde-GO e de Itumbiara-GO, com o objetivo de interseccionar as interlocuções presentes nos dois grupos, a saber: identidade cultural, trabalho coletivo, problematização, autonomia, educação humanista e linguagem incluyente.

[...] construímos as autonomias, registramos um “jeito de pensar” construído nesse encontro entre as Identidades e as leituras de mundo. O que fazemos após o conflito, mediatizado pelo diálogo, na realidade? Quais pensamentos construímos. Registros do “Jeito de Pensar Docente”, uma ideia em que estas reflexões sejam sistematizadas e possam ajudar nas nossas práxis. Compartilhar com outras pessoas, dividir, é uma forma de viabilizar o encontro (Coimbra, 2021, pp. 147-148).

Desse modo, o Gepae apresentou uma proposta de trabalho com o intuito de unir suas temáticas de estudo e de pesquisa (Avaliação Externa, Institucional, Formativa) em diálogo com as avaliações presentes em quatro obras de Paulo Freire: 1) Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa; 2) Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido; 3) Pedagogia do Oprimido; e, 4) A importância do ato de ler: em três artigos que se completam – materializando-se em um *podcast* a avaliação a partir de princípios freireanos. Para a

construção do GepaeCast, selecionamos o livro 2 e, devido ao contexto da pandemia de Covid-19, as reuniões para a construção do *podcast* ocorreram de modo remoto.

Diálogo com as Luzes que nos Guiam

No livro 1, pontua que “[...] o ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo” (Freire, 2017, p. 63). Essa compreensão da práxis avaliativa perante a relação entre docente e estudante vai ao encontro do papel corresponsável entre essas pessoas na organização do trabalho pedagógico em sala de aula. Desse modo, a avaliação pedagógica, como principal recurso educacional consciente, auxilia no crescimento docente e estudantil, além de contribuir para reconhecer, reconduzir e reorganizar o quefazer docente de forma crítica a serviço da libertação e não da domesticação.

Defendemos, assim como Fernandes (2005, 2009) e Villas Boas (2006, 2009) que a avaliação deve ser formativa, com a finalidade de compreender e de acompanhar os processos de conhecimento discente e o ensino docente, fornecer o *feedback* necessário para os/as estudantes e promover a autorregulação das aprendizagens. A partir desse entendimento, revisitamos as quatro obras freireanas e elencamos duas categorias de cada obra, por meio de uma decisão coletiva, para aprofundarmos suas relações com a avaliação.

A partir da leitura da obra 4, elencamos as categorias neutralidade e educação democrática. O posicionamento de neutralidade significa a não-atuação, o papel omissivo do corpo docente mediante situações de injustiça e de desigualdades. “O que devo pretender não é a neutralidade da educação, mas o respeito, a toda prova, aos educandos, aos educadores e às educadoras” (Freire, 2017, p. 109).

O mito da neutralidade é um instrumento por excelência no campo avaliativo que lança mão de um sistema de ensino que controla as oportunidades educacionais, dissimula as suas desigualdades, torna o mérito um dom individualmente conquistado, conforme Soares (1982). Essa avaliação dita como neutra cumpre o papel de exclusão da classe oprimida como forma de atender aos interesses da sociedade capitalista. Em oposição a essa concepção, Paulo Freire fala sobre a prática da avaliação, segundo ele:

Não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos avançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática,

umenta a nossa eficiência. O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la (Freire, 1997, p. 83).

Já no que se refere a uma educação democrática, o/a docente com sua capacidade crítica conduz e sistematiza o processo de aprendizagem, por meio do diálogo, de posturas reflexivas, problematizando com os/as educandos/as seus pensamentos e suas relações com o conteúdo aprendido.

Por sua vez, no livro 1 apontamos as categorias curiosidade e dodiscência. Aquela, como elemento propulsor do conhecimento promove a reflexão crítica, afastando a passividade defendida na educação bancária. De acordo com Freire (2017), o/a educando/a, ao reforçar sua capacidade crítica e aguçar sua curiosidade, se imuniza contra o poder autoritário e apassivador da educação bancária. Nesse sentido, a curiosidade, assim como a sensibilização, é uma habilidade muito importante nas práticas avaliativas, uma vez que é o corpo docente que possui a tarefa mobilizadora de seu conhecimento para interagir em comunhão com a turma, conforme Vasconcellos (2014b).

Já na dodiscência, Freire (2017, p. 30) aponta que “[...] Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: aquele em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e aquele em que se trabalha a produção do conhecimento não existente”. Esses processos são indicotomizáveis, ou seja, apreender a sua relação dialética demonstra a importância mediadora da avaliação como prática reflexiva desse ciclo entre o aprender e o ensinar.

Na segunda obra, escolhemos as categorias consciência de mundo e relação educador/a-educando/a.

A consciência do mundo constitui-se na relação com o mundo; não é parte do eu. O mundo, enquanto “outro” de mim, possibilita que eu me constitua como “eu” em relação com “você”. A transformação da realidade objetiva (o que chamo de “escrita” da realidade”) representa exatamente o ponto a partir do qual o animal que se tornou humano começou a “escrever” história. Isso teve início no momento em que as mãos, liberadas, começaram a ser usadas de maneira diferente. À medida que essa transformação tinha lugar, a consciência do mundo “contatado” ia-se constituindo. Precisamente essa consciência do mundo, tocado e transformado, é que gera a consciência do eu (Freire, 1994, p. 32).

Ora, partindo-se da totalidade, o corpo docente não tem consciência de que é mais uma pessoa que participa da discriminação e da dominação social da sala de aula e, assim, a escola não é uma ilha isolada dentro da sociedade, já que é influenciada pelas relações sociais existentes dentro dessa mesma realidade (Freitas, 2003; Vasconcellos, 2014a). Sem a consciência do mundo, a avaliação contribui para o processo de dominação, à medida que contribui para a formação de autoconceitos negativos (incapacidade,

ignorância, submissão, opressão, entre outros) que promovem, assim, discriminação e seleção social, legitimando a dominação da burguesia.

A relação educador/a-educando/a é resultado de uma educação problematizadora, que se contrapõe à realidade da educação tradicional em que educador/a é aquele/a que ensina e o/a educando/a é quem aprende. Ambos estão em posição de trocar conhecimentos, o que promove um contexto de aprendizagem e ensino em que uma pessoa ensinará a outra aquilo que conhece. Dessa maneira, um ambiente escolar permeado por uma experiência dialógica tem a avaliação como ferramenta (auto)crítica permanente entre educador/a e educando/a.

Na esteira dessa discussão, no livro 3, selecionamos as categorias educação bancária *versus* educação libertadora e a relação opressor/a-oprimido/a. Freire (2016) aponta que “[...] na ‘concepção bancária’ que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem se pode verificar-se esta superação” (Freire, 2016, p. 106).

Assim, a crítica à educação bancária se faz porque, nesse modelo, o/a professor/a “faz depósitos de conteúdos” na mente dos/as estudantes sem se preocupar com sua formação crítica e autônoma. O/a professor/a “[...] sempre será o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem” (Freire, 2016, p. 105).

Na contramão dessa prática, a educação libertadora reconhece a natureza humana, as necessidades, manifestações, sentimentos além dos saberes específicos para a prática docente, que promove a formação crítica estudantil como protagonista e interveniente no mundo, para transformar. A educação em uma perspectiva libertadora, rompe com dicotomia entre educador/a X educando/a, ambos se tornam seres humanos conscientes e participantes do processo, o que gera um rico contexto de ensino e aprendizagem, em que uma pessoa ensinará a outra aquilo que conhece.

[...] não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (Freire, 2016, p. 120).

Nesse sentido, ao compreendermos a importância de intervir na realidade para transformar, podemos promover mudanças na intencionalidade da avaliação, construir novos sentidos para a sua prática aliada aos objetivos defendidos, conforme Vasconcellos (2013).

Já na relação opressor/a-oprimido/a, é apresentada uma estrutura em que o/a opressor/a possui o poder e manipula o sistema, promove um estado de desumanização; e o/a oprimido/a, ao não

ter consciência de suas possibilidades, encontra-se inserido na cultura dominante, nessa lógica alienante, o/a dominado/a “[...] encara os fatos como algo consumado, como algo que se deu porque tinha que se dar da forma como se deu, é a posição [...] de quem entende e vive a histórica como *determinismo* e não como *possibilidade* (Freire, 2017, p. 112).

As relações de poder são muito presentes nas práticas avaliativas docentes, no contexto da lógica tradicional da avaliação. Vasconcellos (2013) defende que, na contramão de práticas avaliativas autoritárias e antidemocráticas que oprimem os/as estudantes, é necessária a promoção de ações formativas sem vincular-se à aprovação ou à reprovação.

Desse modo, estudamos e debatemos as categorias neutralidade; educação democrática; curiosidade; didascência; consciência de mundo; relação educador/a-educando/a; educação bancária *versus* educação libertadora e a relação opressor/a-oprimido/a. Além disso, buscamos aproximar a compreensão das categorias presentes com os estudos desenvolvidos acerca da avaliação formativa. Vale mencionar que, embora os destaques tenham sido realizados tendo como base duas categorias para cada livro, sua compreensão foi ampliada a partir dos diálogos entre as quatro obras, visto que as categorias (re)aparecem não como repetição, mas como movimento dialético.

Metodologia de Desenvolvimento da Proposta

O podcast é um recurso de comunicação que se manifesta por meio do som/áudio, promovendo um potencial meio de produção e divulgação científica de conteúdos, conforme Figueira e Bevilacqua (2022). Programas dessa natureza podem apresentar um viés ativista, com liberdade para quem o produz em defender posicionamentos, promover debates e a valorização da universidade e da ciência, bem como aprofundar sobre temáticas que são relevantes aos/as ouvintes. Sua facilidade de produção permite que cientistas se aproximem do público-alvo para mesclar entretenimento com debates de temas científicos, além de incorporar vozes das minorias ao seu processo de desenvolvimento e produção promovendo maior engajamento social.

É democratizar o acesso ao conhecimento científico e criar condições para uma alfabetização científica, em que os cidadãos tenham a capacidade de discutir assuntos que impactam de alguma forma na sociedade, mas que poderia ficar restritos à especialistas devido a termos e conceitos pouco conhecidos (Periódicos de Minas, np).

Nesse caminho, corroboramos com Carvalho, Aguiar e Maciel (2009) que a finalidade do podcast é muito variada e, assim, pode servir para informar, divulgar, motivar as aprendizagens sobre uma

determinada temática e promover pensamentos reflexivos. Para tanto, a criação do *podcast* que culminou com a produção deste relato de experiência foi realizada de forma coletiva, pois, de acordo com Mendes *et al.* (2018), é uma característica do grupo Gepae a organização de pesquisas que vão além do campo avaliativo, mas suas interconexões com as aprendizagens, as práticas de ensino, de forma a promover ações mais incluídas que garantem as aprendizagens de todos, todas e *todes* na escola, o que de fato, a inclui dentro de uma abordagem participativa, conforme Ribeiro (2023). Assim, por meio de diversas ações promovidas de forma descentralizada, a partir de um coletivo que se mobilizou, dentro de suas possibilidades, a promover uma das frentes de trabalho coletivo que descrevemos aqui em diante.

A ideia inicial era de que o grupo Gepae realizasse uma discussão em Paulo Freire para ser apresentada em seu mês de aniversário (mês de agosto), no entanto, a professora Olenir apresentou uma nova proposta de trabalho, ao apreciar uma apresentação em forma de *podcast* de estudantes da Graduação. Assim, após a anuência do grupo, decidimos pela criação do *podcast* e estipulamos subdivisões de duplas ou trios para estudo das obras freireanas, entre as quatro que foram selecionadas.

Elegemos a vida e algumas obras de Freire para celebrar seu centenário, para prostrar sobre um tema que nos é muito caro e que já mencionamos aqui, avaliação na educação e para alinhar os primeiros pontos das relações que estabelecemos entre Freire e avaliação [...] e podemos começar destacando que Freire é um pensador, um educador comprometido com a vida, com a existência. O legado que ele deixou nasceu de suas reflexões sobre sua própria prática, suas experiências como educador. Em suas inúmeras obras Freire propõe uma pedagogia que seja coerente com uma educação emancipadora, voltada para a prática da liberdade **das pessoas envolvidas** [...] Assim, ele critica a educação bancária porque nesse modelo o/a professor/a “faz depósitos de conteúdos” na mente dos e das estudantes sem se preocupar com sua formação crítica, sem colaborar com o desenvolvimento da sua liberdade, reproduzindo assim as relações de dominação presentes na sociedade capitalista (Martins *et al.*, 2021, p. 2, **grifo nosso**).

A princípio, realizamos as leituras, destacamos suas relações com a avaliação e identificamos algumas categorias presentes nos livros. Posteriormente, selecionamos contos nas obras mencionadas para conexão do conceito de Paulo Freire (por meio de suas categorias) e dos princípios avaliativos formativos defendidos pelo Gepae. Nesse caminho, realizamos uma apresentação inicial, por grupos, dos materiais selecionados, para então, definirmos por livro, duas principais categorias (já apresentadas na seção Revisão de Literatura) para discussão, reflexão e socialização no Gepae (grupo maior).

Caminhos de construção do podcast

Antes de definirmos a estrutura do *podcast*, a partir das categorias evidenciadas em cada livro, foi necessário aprendermos, de fato, como se organizava este trabalho. Como se tratava de uma experiência nova para todas as pessoas participantes, contamos com a colaboração e ajuda de profissionais da área.

Assim, realizamos a escuta e apreciação de *podcasts* disponíveis em plataformas digitais; participamos de um minicurso e de uma roda de conversa com Beatriz Ortiz (estudante de Jornalismo), Josielle Ingrid (jornalista da Rádio Universitária da UFU) e Gislaine (Rádio Universitária da UFU), para aprendermos as características, as formas, as etapas de produção, os princípios e as diretrizes para a criação de um *podcast* coletivo.

A partir desta formação inicial, firmamos parceria com a equipe da Rádio Universitária da UFU para nos assessorar na gravação e, por votação no grupo Gepae, escolhemos o nome de nosso primeiro *podcast* como “GepaeCast”. Ainda por meio da votação, escolhemos a vinheta, o som de transição, a vitrine, o nome dos quadros, para, então, criarmos o roteiro.

Além disso, definimos que o conto selecionado seria o tema gerador para apresentar as categorias. Desse modo, cada dupla fez a gravação oral de um conto que aparecia em uma obra e, posteriormente, abrimos para votação, tendo como critério, aquele que possibilitasse maiores intersecções com as categorias selecionadas.

Realizadas as votações e as definições dos quadros, demos início à elaboração coletiva do roteiro. Logo após, marcamos uma gravação-teste do *podcast* na Rádio Universitária para a apreciação do roteiro e possível redefinição, caso fosse necessário; definição da identidade visual e sonora, análise e avaliação: edição, cortes, reorganização das sequências das falas, ajustes do roteiro (coerência, coesão e tempo)³.

Após a avaliação e ajustes realizados e com o roteiro final já definido, realizamos a gravação final na Rádio Universitária – UFU, com toda a equipe do Grupo Freireano. Na sequência, promovemos a divulgação do Gepaecast na plataforma digital Spotify⁴, além disso, fizemos a apresentação do podcast em um dos encontros do CEPF em Celebração do Centenário de Paulo Freire e também no grupo Gepae.

Na discussão dos resultados a seguir realizamos a apresentação dos três momentos da criação de nosso *podcast* com a menção de alguns trechos das narrativas das/os participantes, cuja identificação será feita entre parênteses, seguida de numeração de cada pessoa envolvida no processo.

Resultados e Discussão

A estrutura do *podcast* foi organizada em três momentos: Conto no Ponto, PalavrAção e CulturAção. A proposta do Conto no Ponto foi apresentar uma história narrada por Paulo Freire relacionada com a temática avaliação. Dessa maneira, o grupo fez a escolha do conto “O gato multicolor” extraído do livro 2, com a finalidade de fomentar as conversas e discussões em torno da gravação do *podcast*. Vejamos o conto:

No ano seguinte ao em que conheci essa experiência em que operários educadores, problematizando a escola de seus filhos, os desafiavam a pensar criticamente, Claudius Ceccon, o notável cartunista brasileiro, residente, então, em Genebra, me contou o seguinte caso, ocorrido com Flávio, seu filho.

Um dia, tristonho e ferido, Flávio lhe disse que sua professora havia rasgado um desenho seu. Vivendo a liberdade que ele aprendia, em casa, cada vez mais a usar, experimentando-se num clima de respeito e afeto, em que sua curiosidade não era interditada, em que sua criatividade tinha condições de exprimir-se, ele não podia compreender o gesto, para ele, e não só para ele, ofensivo, de sua professora, rasgando um desenho seu. Era como se a professora tivesse rasgado um pedaço dele mesmo. No fundo, seu desenho era uma criação sua que merecia tanto respeito quanto um texto ou um poema que tivesse escrito. Ou uma bola de pano que tivesse feito ou um carrinho, não importa com que material o tivesse construído. O fundamental é que seu desenho era obra sua, criação sua, e a professora o rasgara.

Como qualquer pai ou mãe de opção democrática e coerente com sua opção, Claudius procurou a professora para conversar sobre o ocorrido. A professora tinha a criança em alto apreço. Falou dela de forma elogiosa, salientando o seu talento e a sua capacidade de ser livre.

Claudius percebeu, pelo olhar da professora, por seus gestos, pelo tom da sua voz, que jamais passaria por sua cabeça que ele havia vindo para sublinhar-lhe sua desaprovação ao que ela fizera com o desenho de Flávio. Mais ainda, sua desaprovação ao que ela fizera com Flávio mesmo, com sua criatividade quase esfarrapada por ela.

Feliz pela visita do pai de um de seus alunos a quem ela realmente admirava, ia e vinha quase saltitante, falando de suas atividades de classe.

Claudius ouvia e acompanhava suas narrativas esperando um oportuno momento para, com sua raiva já gasta, já amainada, falar a ela sobre o ocorrido. De repente, ela lhe mostra uma coleção de desenhos, quase iguais de um gato preto. Um gato único, multiplicado, que sofrera apenas mudanças, de um a outro, neste e naquele traço.

— Que tal? — pergunta a professora sem esperar resposta; pergunta apenas para exclamar. — Foram os alunos que fizeram — diz ela. — Trouxe para eles um modelo de gato para que copiassem.

— Eu acho que teria sido melhor se eles tivessem tido na sala um gato vivo, andando, correndo, pulando — disse Claudius. — As crianças desenhariam o gato como o entendessem, como o percebessem. As crianças reinventariam o gato de verdade. Ficariam livres para fazer o gato que lhes aprouvesse. Seriam livres para criar, para inventar e reinventar.

— Não! Não! — gritou, quase, a professora. — Talvez isso de certo com ele isso de certo; com ele — repetia — que é vivo, inteligente, criador, livre. Mas e os outros? Lembro-me de mim, de quando era criança — continuou a professora. — Me apavoravam as situações em que me sentia demandada a escolher, a decidir, a criar. Foi por isso que, há poucos dias, tomei —

amenizou a ação de rasgar com a de tomar — um desenho de Flávio. Ele desenhou um gato que não podia existir. Um gato multicor. Não poderia aceitar o desenho dele. Seria prejudicial não só a ele, mas sobretudo aos outros.

E essa, parecia, era a forma como a escola toda funcionava e não só aquela educadora que tremia de medo só em ouvir falar de liberdade, de criação, de aventura, de risco. Para ela o mundo não devia mudar e, tal qual na estória do porquinho, jamais deveríamos sair dos trilhos que bitolam nossa passagem pelo mundo. Marchar nos trilhos já postos para nós, eis o nosso fado, a nossa sina.

Fazer os caminhos caminhando, recriar o mundo, transformá-lo, jamais! (Freire, 2021, pp. 195-198).

Tal conto possibilitou-nos a construção do quadro PalavrAção, cuja proposta foi realizar um momento de reflexão e de conversa sobre o tema e a história contada. Algumas categorias freireanas podem ser destacadas: educação bancária, antidialógica, assistencialista; ativista; disciplinadora; opressora, reprodutivista; consciência bancária *versus* consciência do mundo; relativização do saber, entre outros. O quadro PalavrAção amplia as reflexões acerca do conto e estabelece relações com as nossas experiências docentes. Segue o relato de algumas pessoas participantes do grupo extraídas de Martins *et al.* (2021, n. p.):

[...] este conto me lembra de uma situação parecida que vivenciei na instituição de Educação Infantil onde atuo. Precisei substituir uma professora, em uma turma, com crianças de 4 anos. A professora da sala estava trabalhando sobre a temática da família neste dia, e antes de sair, explicou para a turma que cada criança deveria desenhar a sua família. Até aí, nenhuma novidade, se não fosse por um detalhe! A professora deixou um desenho pronto no quadro orientando como a família deveria ser desenhada (estereotipada) e antes de sair, a professora ainda recomendou para as crianças: “não quero saber de nenhum desenho sem braço, perna, ou cabeça porque isso todo mundo tem”. [...] As crianças começaram a desenhar e uma delas me chamou a atenção, porque todas as vezes que passava próximo da mesa dela percebi que a folha do caderno permanecia em branco até que perguntei para a criança: Você não vai desenhar a sua família? Ela me olhou e respondeu, sabe o que é professora, na minha casa eu tenho um irmão que não anda, não fala, não mexe os braços e nem as pernas. Minha mãe é quem cuida dele, dá banho, dá comida, dá remédios e eu não sei desenhar ele porque a professora falou que não quer saber de ninguém sem braços e sem pernas. Falei para a criança que o desenho dela não precisava ser igual ao desenho pronto no quadro, que ela poderia fazer o desenho do jeito que ela conseguisse e assim ela fez e o desenho ficou lindo, do seu jeito, considerando seu contexto de vida, sua bagagem de conhecimento e o que foi possível desenhar naquele momento. A professora, ao desenhar um “modelo de família” generalizou, esquecendo-se que nossas crianças são realidades e suas diferenças existem, ela se esqueceu da diversidade e, especialmente das pessoas com deficiências. Sendo assim, a premissa de que “todo mundo tem pernas, braços, mão etc.” estava fora de contexto da realidade dessa criança. A professora não considerou o processo de autonomia, de criação, de imaginação de cada criança. Da mesma maneira a professora do Flávio, no conto do “Gato Multicor” (Participante 1).

[...] eu estou aqui pensando na professora do Flávio... O que aconteceu com a educação de uma criança que tem medo de escolher, de decidir, de criar? De fato, a educação, muitas vezes, tem sido opressora. E por causa desses medos ela rasgou o desenho do Flávio! [...] E tudo isso porque o Flávio

desenhou um gato que, para ela, não poderia existir. Um gato multicor. Essa violência me faz pensar sobre o quanto as diferentes linguagens artísticas nos ajudam a enxergar, justamente o contrário do que a professora do Flávio consegue ver, as artes nos permitem realizar tudo que estiver dentro de nossa criatividade, pelas artes fazemos existir o impossível. [...] Paulo Freire, na sua obra, “A importância do ato de ler”, nos diz que é muito importante entendermos que “ninguém sabe tudo e que ninguém ignora tudo.” Ele diz ainda que a educação não é algo dado, imobilizado, concluído, terminado. Paulo Freire é firme para dizer que há o mito da neutralidade da educação. Paulo Freire nos ajuda a entender a forma de pensar da professora. Ele diz que não há uma única visão na docência, há “visão ingênua, a visão astuta e visão crítica. A visão ingênua é carregada de um “fazer puro, a serviço de uma formação ideal de ser humano, desencarnado do real, virtuoso e bom”. A visão astuta está ligada com as tentativas de obstaculizar a emancipação das classes e grupos sociais oprimidos, no entanto estes usam a ingenuidade para garantir seus interesses. A visão crítica tem consciência clara sobre os interesses dos opressores em impedir a emancipação dos grupos oprimidos e explicitam tais interesses. “A diferença entre um educador astutamente ingênuo e um educador crítico, em relação à compreensão do processo educativo, está em que, ambos sabem que a educação não é neutra, porém, somente o educador crítico afirma:”. Acho que a professora do Flávio tem uma visão ingênua sobre a realidade. Paulo Freire dizia: “é impossível separar o inseparável: a educação da política”. A educação libertadora exige de nós uma posição política, exige de nós assumir, junto com nossas educandas e educandos, o processo criativo, mesmo que de início, nos pareça ingênuo. Ele diz que precisamos assumir a postura ingênua para junto transformá-la em postura crítica (Participante 2).

A partir destes dois primeiros relatos nos é evidenciado que a sociedade capitalista demanda a reprodução de situações padrão, tanto na sociedade quanto no ambiente escolar. O ato que demanda a nossa mobilização para o enfrentamento desta realidade é a própria tomada de consciência e assim, enxergar a diversidade na totalidade, além de propor uma educação libertadora em oposição àquela que inibe o processo criativo e crítico. Na sequência, os participantes buscam compreender a relação entre o conto e o relato (Martins *et al.*, 2021, n. p.). com a avaliação e a concepção de avaliação abordada por Freire.

Eu também ousou afirmar que há o mito da neutralidade da avaliação. A cultura mais forte que vivenciamos historicamente tem encarado a avaliação como uma prática neutra, objetiva e isso é um interesse da ideologia dominante, [...] a avaliação dita como neutra cumpre um papel de exclusão da classe oprimida [...] (Participante 2).

[...] com relação à avaliação, quando o corpo docente a percebe apenas como parte de dominação, controle e poder tolhe as crianças da imaginação, de sua criatividade. Uma avaliação libertadora é aquela que humaniza, acolhe, constata o caráter ativo, indagador, com possibilidades de agir e refletir sobre a proposta de trabalho realizada [...] (Participante 3). [...] a educação de fato é muito complexa e o conto do gato multicor nos mostra um pouco dessa complexidade, Paulo Freire faz uma denúncia contundente a esse modelo de educação e avaliação tradicional, envolvido pelo autoritarismo, negação da subjetividade, da criatividade e curiosidade das pessoas, e anuncia que é possível imaginar outros mundos, mas que para isso, precisamos ter esperanças e sonhos, para conseguir a transformação almejada. Utiliza o verbo “esperançar”, a esperança não vem da espera, ela deve nos mobilizar, trazer para ação. Assim sendo, vamos esperançar, sonhar, acreditar, resistir e lutar por uma educação e avaliação mais justa, democrática, libertadora e humana (Participante 5).

[...] a avaliação para Freire implica um instrumento pedagógico-didático, com função educativa, em autoavaliação, em rejeição aos métodos tradicionais, em diálogo permanente, democrático e livre, em conteúdo como objeto de reflexão, inacabamento do ser humano, construção coletiva, emancipação, autonomia, diversidade, consciência crítica, em tempo de aprendizagem e não de punição, considerando a diferença cultural, negociação/investigação e erro como reflexão e reconstrução. Freire defende que a construção do conhecimento não depende da transmissão “oral” e unilateral dos “sábios” aos “incultos” e da “alienação da ignorância” e que avaliar a aprendizagem dos/as educandos/as constitui uma negociação e investigação, que envolve a compreensão de si e do outro, de modo que todos alcancem crescimento. A avaliação, se torna assim, um processo dinâmico e coletivo, fruto do compartilhamento entre os sujeitos, considerando que o ato de aprender em si, não se dá por meio da transmissão da informação, mas pelo encontro permanente entre as pessoas, mediatizados pelos diversos saberes de cada um. [...] (Participante 6).

Ao escutar esse conto, as citações de Freire e as considerações de cada um e cada uma, meu pensamento se remeteu à avaliação formativa, que temos estudado, discutido, divulgado no Gepae nestes anos todos. Pois os princípios da avaliação formativa indicam uma valorização da participação, da autonomia, da autoria, do processo, da construção e da colaboração de todos os envolvidos nos processos educativos e que tem como prioridade o fortalecimento de relações mais dialógicas, problematizadoras e emancipatórias entre os sujeitos e os objetos de conhecimentos (Participante 7).

[...] somos todos/as professores/as e mudar uma prática de avaliação classificatória e excludente não é uma tarefa assim tão fácil. Até mesmo porque [...] esse modelo de avaliar atende a um interesse da sociedade capitalista. Eu gosto muito de uma categoria que Freire usa: PRÁXIS. Por meio dela, ele deixa claro que é na ação e na reflexão sobre a ação que encontramos caminhos, possibilidades para transformar o nosso fazer enquanto professores/as (Participante 1).

A partir dos relatos apontados percebemos que a avaliação e suas práticas na organização do trabalho pedagógico não podem ser definidas em sua neutralidade (Participante 2), uma vez que vivemos em uma sociedade capitalista cujos princípios demarcam interesses de uma classe em detrimento da outra (Freire, 1997; Soares, 1982).

Nos dizeres dos/as Participantes 1, 3 e 5 evidenciamos a presença de duas lógicas avaliativas que refletem um modelo de sociedade o qual fazemos parte, e seu possível entendimento quando a praticamos de forma democrática. A construção de nossa consciência crítica a partir dos quefazeres docentes e discentes performatizam-se quando nos posicionamos e agimos na defesa de uma postura que combate a classificação e exclusão na busca pelos processos reflexivos perante a nossa práxis; supera a avaliação dominadora em prol de sua libertação; e promove práticas transformadoras e mais incluídas na tentativa de ressignificar as nossas avaliações tradicionais.

E, por sua vez, identificamos nas narrativas apresentadas pelos/as Participantes 6 e 7 uma confluência de sentidos entre os saberes freireanos e

as práticas avaliativas defendidas pelo grupo Gepae, na perspectiva da avaliação formativa, que explicitam a relação educando/a-educador/a como uma práxis corresponsável. Dessa forma, a partir das narrativas apresentadas, algumas marcas evidenciam relações entre as produções freireanas e a avaliação, a saber: a prática da autoavaliação, o diálogo permanente no contexto escolar, construções coletivas, processos emancipatórios na busca pela autonomia, a valorização da diversidade, a busca pelas aprendizagens, criar situações de negociação e investigação entre estudantes e o corpo docente, uma reflexão crítica e permanente sobre a prática, além de reavaliar ações com o intuito de transformar.

Após as discussões abordadas no quadro Palavração, seguiu-se para o quadro Culturação, que visa a propiciar sugestões de livros, filmes, músicas e peças teatrais acerca do tema. As dicas foram o filme Preciosa; a Exposição de Carolina Maria de Jesus – que aconteceu no Instituto Moreira Sales (IMS Paulista) no período de 25/9/2021 a 27/3/2022; os livros Emocionário, Obax de André Neves, e o samba-enredo disponível no canal do YouTube “Esperançar por esse chão”.

Considerações Finais

Os estudos da obra de Freire e a síntese construída no formato de roteiro de um *podcast* apresentaram grandes contribuições no que se refere ao desenvolvimento de uma proposta que tem por objetivo o trabalho coletivo e participativo, a partir de princípios como a valorização da ciência, a identificação de situações-limites, a crença nas transformações (inéditos-viáveis), a reflexão crítica da realidade e na democracia.

Observa-se que a criação do GepaeCast favoreceu processos formativos acerca de algumas categorias freireanas e avaliação formativa; promoveu parcerias institucionais com a Rádio UFU e com o CEPF (professores/as e estudantes de Graduação e de Pós-graduação); ampliou e aprofundou a discussão de avaliação em Freire no âmbito do Gepae e promoveu o desenvolvimento de um trabalho coletivo, colaborativo e participativo.

Isso posto, considera-se o *podcast* como um importante recurso de divulgação científica gratuito e acessível para cientistas e comunidade em geral. No caso do GepaeCast especificamente, como recurso de divulgação das concepções freireanas voltados para o campo da avaliação.

Declaração de Conflito de Interesse

Os autores declaram não existir conflito de interesses.

Referências

- CARVALHO, Ana Amélia; AGUIAR, Cristina; MACIEL, Romana. Taxonomia de podcasts: da criação à utilização em contexto educativo. In: **Actas do Encontro sobre Podcasts**. Braga: CIED, 2009.
- COIMBRA, Camila Lima. A (in)complete da práxis no pensamento freireano. In: PAIXÃO, Alexandre H.; MAZZA, Débora; SPIGOLON, Nima I. (Orgs.) **Centelhas de Transformações** - Paulo Freire e Raymond Williams. São José do Rio Preto, SP: Editora HN, 2021.
- FIGUEIRA, Ana Cristina Peixoto; BEVILAQUA, Diego Vaz. Podcasts de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 120-138, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i1.2458>
- FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 34. ed. São Paulo: Editora Autores Associados/Cortez, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** - um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, seriação e avaliação**: confrontos de lógicas. São Paulo: Editora Moderna, 2003.
- GEPAECast: um bate-papo sobre avaliação educacional #01- O Centenário de Paulo Freire. [Locução de]: Olenir Maria Mendes. Marilene. Adriana Auxiliadora Martins. Andrea Porto Ribeiro. Fernanda Barros Ataídes. Clarice Carolina Ortiz de Camargo. Rafael Martins Mendes. [S.l.]: GepaeCast, 04 dez. 2021. **Podcast**. Disponível em: Centenário de Paulo Freire - GepaeCast | Podcast on Spotify. Acesso em: 12 out. 2023.
- MARTINS, Adriana Auxiliadora et al. **Pré-roteiro para a gravação do podcast sobre a obra de Freire**. [S.l.: s.n.], 2021.
- MENDES, Olenir Maria et al. **Pesquisa coletiva: avaliação externa e qualidade da escola pública**. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- PERIÓDICO DE MINAS. **O que é divulgação científica?** Disponível em <https://www.periodicosdeminas.ufmg.br/o-que-e-divulgacao-cientifica/#:~:text=Na%20divulga%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%2C%20o%20foco,fora%20daquele%20campo%20de%20conhecimento>. Acesso em 20 out. 2023.
- RIBEIRO, Bruna (Org). **Abordagens Participativas na Educação Infantil**: saberes necessários para nos manter em voo. São Paulo: Passarinho, 2023.
- SOARES, Magda B. Avaliação educacional e clientela escolar. In: PATTO, M. H. S. (Org.). **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1982.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem**: práticas de mudança por uma práxis transformadora. 13. ed. São Paulo: Libertad, 2013.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação**: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 20. ed. São Paulo: Libertad, 2014a.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 19.ed. São Paulo: Libertad, 2014b.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In)Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 20 ed. São Paulo: Libertad, 2016.

Autores(as)

Rafael Martins Mendes. Graduação em Química (Bacharelado) com atribuições tecnológicas e Licenciatura Plena em Química (2010) pelo Instituto de Química da Universidade Federal de Uberlândia - IQUFU. Mestrado em Ensino de Química (2013) vinculado ao programa de Pós-graduação do IQUFU com ênfase na Educação de Jovens e Adultos,

currículo e sujeitos da aprendizagem. Graduação em Pedagogia pela Unopar (2020) e Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação FAGED-UFU (2022), na linha de pesquisa Saberes e Práticas Educativas, com ênfase nas práxis e práticas pedagógicas e Avaliação Formativa (avaliação para as aprendizagens) no ensino superior. Tem como áreas de interesse: formação docente; a práxis e as práticas pedagógicas que envolvem a organização do trabalho pedagógico, interações entre o aprender, avaliar e ensinar, voltados para as áreas de Educação e Educação Química.

E-mail: rafaelsamm@yahoo.com.br

ORCID Id: <http://orcid.org/0000-0002-7604-577X>

Fernanda Barros Ataídes. Licenciada em Geografia pela Universidade de Rio Verde (UNIRV) e em Pedagogia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Gama Filho (UGF). Doutoranda e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Pesquisadora e Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Avaliação Educacional (GEPAE) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenado pela professora Olenir Maria Mendes. Possui experiência profissional na área de Educação Básica desde o ano de 2004, atuando como Educadora, Supervisora, Coordenadora Pedagógica, Orientadora de Estudos e Orientadora Educacional. Atuou como professora de alfabetização pelo Programa Se Liga Brasil por 5 anos, supervisora dos Programas Acelera e Se Liga Brasil por 3 anos, também atuou como Coordenadora Pedagógica das Escolas Municipais Rurais do Ensino Fundamental do Município de Rio Verde, como Orientadora Educacional do Departamento de Alfabetização da Secretaria Municipal de Educação e Orientadora de Estudos do Curso de Formação Continuada: Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC. Atualmente, coordenadora pedagógica do ensino fundamental (anos iniciais) da rede municipal de ensino de Rio Verde/GO.

E-mail: fernandarv.ataides@gmail.com

ORCID Id: <http://orcid.org/0009-0006-9914-7310>

Clarice Carolina Ortiz de Camargo. Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na linha de Saberes e Práticas Educativas. Especialista em Arte-educação pelo Centro Universitário Maria Antônia, USP (2008) e Pedagoga com habilitação em Gestão Escolar do Ensino Fundamental e Médio pelo Centro Universitário São Camilo (2003). Professora-pesquisadora da Alfabetização do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia/ ESEBA, CAP-UFU. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional, Gepae/UFU; do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, GEPA/ESEBA/UFU e do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF/UFU). Área de atuação: Alfabetização, Avaliação Formativa e formação docente.

E-mail: claricecarolinacamargo@gmail.com

ORCID Id: <http://orcid.org/0000-0002-0672-2456>

Notas:

¹ Optamos pela utilização do termo Freireano em vez de Freiriano a partir da compreensão de Coimbra (2021, p. 130) que aponta a “[...] radicalidade necessária ao utilizar freireano, por respeitar a raiz (a ideia de enraizamento de Freire, presente em Educação como prática da liberdade) do nome, a identidade, a história, a cultura, o tempo de quem estamos adjetivando, subjetivando, dando sentido e significado ao nome que designa um educador como Paulo Freire. [...] A defesa de Coimbra se faz no entendimento de que o termo freireana/freireano

é uma “transgressão à linguagem, como poder de mudança de uma forma de escrita para uma dimensão concreta da politicidade, conceito-chave para entender Freire”.

² 1) Andrea Porto Ribeiro – Doutora em Educação e Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT), Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, CAP/UFU; 2) Adriana Auxiliadora Martins – Doutora em Educação e Coordenadora do Ensino Fundamental I/Cemepe/Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, SME; 3) Alesandra Ferreira Bento Souza – Doutoranda em Educação e Analista Pedagógica/SME de Uberlândia-MG; 4) Clarice Carolina Ortiz de Camargo - Doutoranda em Educação e Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico - EBTT, CAP/UFU; 5) Denise Garcia Giaretta Pacheco – Mestranda em Educação e Analista Pedagógica/ SME de Uberlândia-MG; 6) Elizabete de Paula Pacheco – Mestra em Educação e Auxiliar em administração no Instituto Federal de Goiás - Campus Itumbiara-GO; 7) Fernanda Barros Ataídes - Doutoranda em Educação e Coordenadora Pedagógica/SME de Rio Verde-GO; 8) Marilene de Brito – Mestra em Educação e Professora de Educação Infantil/SME de Uberlândia-MG; 9) Olenir Maria Mendes – Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Uberlândia; 10) Rafael Martins Mendes – Doutor em Educação e Professor substituto do Ensino Superior da Universidade Federal de Uberlândia; 11) Sônia Aparecida Faleiros Almeida – Doutoranda em Educação e Professora SEE/MG regional de Uberlândia.

³ Esse processo ocorreu no período de distanciamento social devido à pandemia Covid-19 e por isso, seguimos os protocolos de segurança definidos pela Universidade, sendo eles: reuniões remotas, gravação presencial na rádio utilizando máscaras com limitação de quantidade de pessoas (6) no momento da gravação.

⁴ Para ouvir ao nosso episódio do GepaeCast acesse: Centenário de Paulo Freire - GepaeCast | Podcast on Spotify.